ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1810)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES

Elias Macêdo de Andrade Neto

DIFERENÇAS ENTRE ESPARTA E ATENAS: UMA ANÁLISE DE SUAS CARACTERÍSTICAS BÉLICAS.

Resende

2019

Elias Macêdo de Andrade Neto

DIFERENÇAS ENTRE ESPARTA E ATENAS: UMA ANÁLISE DE SUAS CARACTERÍSTICAS BÉLICAS.

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares.**

Orientador: Prof. Durland Puppin de Faria – Cel R1

Resende

2019

Elias Macêdo de Andrade Neto

DIFERENÇAS ENTRE ESPARTA E ATENAS: UMA ANÁLISE DE SUAS CARACTERÍSTICAS BÉLICAS.

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares.**

Aprovado em _____ de _____ de 2019.

Banca examinadora:

_____

Prof. Durland Puppin de Faria – Cel R1
(Presidente/Orientador)

_____

Prof. Everton Araújo dos Santos – TC R1

_____

Prof. Felipe Vieira Leite - Maj

Resende
2019

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por incontáveis bênçãos e também a minha família, por sempre ter e apoiado e me ensinado todo o necessário para me tornar um homem de bem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por me mostrar o caminho a ser seguido mesmo nas mais escuras estradas.

Agradeço aos meus pais, que são os responsáveis pelas qualidades do homem que me tornei e tão donos das minhas conquistas quanto eu. Suas virtudes sempre foram um farol a ser buscado e é nessa busca eterna que eu chego ao final desse ciclo.

Agradeço ao meu orientador, pela boa vontade e principalmente pela paciência que teve com mais um cadete do quarto ano que lhe pediu auxílio e foi prontamente atendido.

Agradeço também a Cadeira de História da Divisão de Ensino da AMAN, por ter me provido os tempos de aula da parte acadêmica da formação em que mais aprendi nesses 4 anos.

RESUMO

DIFERENÇAS ENTRE ESPARTA E ATENAS: UMA ANÁLISE DE SUAS CARACTERÍSTICAS BÉLICAS.

AUTOR: Elias Macêdo de Andrade Neto
ORIENTADOR: Prof. Durland Puppin de Faria – Cel R1

Os combatentes da antiga Grécia sempre foram algo fascinante, especialmente para aqueles interessados ou envolvidos com a formação militar. Seja através de livros ou filmes, sua bravura e disposição para o auto sacrifício parecem infinitas. O arquétipo de soldado tem por base o combatente espartano, em sua personalidade estoica e ávida por provações e desafios e as forças navais atenienses são, ao lado da própria democracia, razão pela qual a cidade-estado está imortalizada na história. O objetivo desse trabalho foi entender como esses combatentes eram criados. Analisar a gênese dos militares das duas maiores potências gregas e compará-los para averiguar se, em seus determinados campos de atuação, poderiam ser considerados superiores ou inferiores entre si. Com o estudo da literatura, de grande parte em língua inglesa, que versava sobre o assunto, chegou-se à conclusão que realmente existia uma disparidade no nível de preparo entre suas tropas terrestres e navais, o exército espartano realmente era mais bem treinado que o ateniense, ao passo que a marinha ateniense era mais bem adestrada e equipada do que a espartana. Com essa pesquisa foi possível estudar e entender os primórdios da formação do caráter militar grego, caráter esse que é muito semelhante àquele que se objetiva criar no decorrer da formação de uma academia militar moderna.

Palavras-chave: Esparta. Atenas. Diferenças. Militares. Caráter.

ABSTRACT

DIFFERENCES BETWEEN SPARTA AND ATHENS: NA ANALYSIS OF THEIR MILITARY FEATURES.

AUTHOR: Elias Macêdo de Andrade Neto
ADVISOR: Prof. Durland Puppin de Faria – Cel R1

The combatants of ancient Greece have always been fascinating, specially to those interested or involved in military instruction. Whether through books or movies, their bravery and willingness towards self-sacrifice seem infinite. The archetype of a soldier has as base the Spartan fighter, in his stoic personality that is wishful for ordeals and the Athenian naval forces are, alongside democracy itself, reason for which the city-state is immortalized in history. The objective of this work was to understand how those combatants were created. To analyze the genesis of the military personnel of the two greatest Greek potencies e compare them to verify if, in their specific fields of action, they could be considered inferior or superior to one another. Studying the literature that crosses the subject, the conclusion was that there really was a disparity in the level of preparation between their naval and land forces, the Spartan army was better trained than the Athenian, while the Athenian navy was better trained and equipped than de Spartan. With this research it was possible to study and understand the beginnings of the Greek military character shaping, which is very similar to the character that the modern military academies aim to create.

Keywords: Sparta. Athens, Differences. Military. Character.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Regiões da Grécia.....12
Figura 2 - Falange Grega.....16
Figura 3 - Hoplita Grego.....17
Figura 4 - Trirreme Greg.....21
Figura 5 - Níveis dos remadores.....22
Figura 6 - Manobra de trirreme.....22

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO…….....10
1.1 – OBJETIVOS.....11
1.1.1 – OBJETIVO GERAL.....11
1.1.2 – OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....11
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....12
2.1 – GRÉCIA.....12
2.2 – HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO HELÊNICA….....….13
2.3 – DIVISÃO POLÍTICA E INDENTIDADE.....14
2.4 – EXÉRCITOS GREGOS.....15
3. REFERENCIAL METODOLÓGICO.....18
3.1 – TIPO DE PESQUISA.....18
3.2 – MÉTODOS.....18
4. ATENAS.....19
4.1 – SOCIEDADE ATENIENSE.....19
4.2 – AS TROPAS ATENIENSES.....20
5. ESPARTA.....23
5.1 – SOCIEDADE ESPARTANA….....…24
5.2 – AGOGÊ…….....25
5.3 – AS TROPAS ESPARTANAS….....…26
6. CONCLUSÃO….....28
7. REFERÊNCIAS….....30

1. INTRODUÇÃO.

O conhecimento da história militar, das tropas, meios, métodos e táticas empregados pelos exércitos do passado para vencer suas batalhas é um ótimo passatempo para a maioria das pessoas. Não o é do militar. O profissional das armas, especialmente o oficial, tem por obrigação a obtenção e manutenção desse conhecimento. Os antigos têm muito a ensinar e os estudiosos da arte da guerra sempre têm muito a aprender.

A história da Grécia e suas cidades é conhecida por grande parte da população. Todo o povo ocidental a tem inserida na própria cultura, fato observável até mesmo quando da utilização de expressões coloquiais, tais como: Cavalo de Tróia, usada para caracterizar um engodo. O nascimento da democracia em Atenas ainda fascina os estudiosos e a preparação e mentalidade estoica dos soldados espartanos é inspiração para as mais diversas instituições militares ao redor do globo.

Esta pesquisa é dotada de elevada relevância para o oficial combatente por mostrar parte das raízes históricas da própria formação militar e sua busca por formar homens de caráter homogêneo e coeso cuja missão era, é e continuará sendo lutar e morrer por suas pátrias.

Sendo assim, este trabalho busca responder certas questões: Como eram formados os militares atenienses e espartanos; qual era sua posição dentro de suas respectivas sociedades e o porquê do foco tão grande de cada uma dessas cidades em espectros diferentes do combate: uma no terrestre e a outra no naval.

O conhecimento compilado tem origem em livros, guias e artigos. A bibliografia é, muitas vezes, antiga e limitada, focando muito, em alguns aspectos somente em uma cidade estado e negligenciando a outra. A maioria dos livros apresentou uma tendência de priorizar o aspecto militar em Esparta e o aspecto político em Atenas, deixando as outras partes menos informativas. A própria presença diminuta ou ausência de informações detalhadas sobre um determinado tema, por vezes, mostrava algo. Em muitas fontes, um determinado aspecto de uma cidade era evidenciado simplesmente ao se comparar com o mesmo aspecto da outra cidade, que lhe era oposto, como por exemplo a marinha de Esparta em comparação com a de Atenas. Em outros, o autor simplesmente não parecia achar aquela determinada característica da cidade estado digna de nota, pois não a diferenciava particularmente de nenhuma outra da época, como os hoplitas de Atenas em comparação com a de Esparta.

A pesquisa se propôs a buscar conhecimento sobre um assunto muito específico da história da guerra. O estudo da Grécia e seus combates não é algo abordado com frequência no meio militar brasileiro. No entanto, é uma literatura que, apesar de, por vezes, pecar na abordagem dos detalhes, é rica em lições, desde valores militares que cada soldado deve possuir até táticas e estratégias dignas de serem levadas em conta por comandantes de grandes frações. Nada disso pode ser ignorado.

1.1- OBJETIVOS

1.1.1- OBJETIVO GERAL

Analisar as principais diferenças nos aspectos militares entre as cidades-estados de Atenas e Esparta na antiga Grécia.

1.1.2- OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Responder aos seguintes questionamentos:

- O combatente espartano é romantizado em filmes e outras produções cinematográficas em detrimento até mesmo de outros soldados gregos. Este trabalho busca entender até que ponto isso poderia ser considerado verdade e responder também a seguinte questão: “ O exército espartano era superior ao ateniense? ”.

- Algo semelhante ao que acontece com o infante espartano ocorre com a marinha ateniense em relação às outras da Grécia. Este trabalho busca, portanto, responder ao seguinte questionamento: “ A marinha ateniense era superior à espartana? ”.

- Enquanto Esparta era voltada para o ofício da guerra, Atenas possuía diversas atividades pelas quais era reconhecida e tornava-se cada vez mais rica, como teatro e comércio. Este trabalho busca entender a posição que os militares ocupavam, socialmente, em suas respectivas cidades-estados e averiguar se existiam diferenças.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 - GRÉCIA

"Grécia" é um termo interessante pelo próprio fato de que os "gregos" não assim se chamavam ou à sua terra. Esse foi o nome dado pelos romanos a uma pequena porção do Epiro, uma região no sul da Península Balcânica. Essa denominação depois se estendeu, abarcando outras áreas como a Tessália, as áreas ao sul das Termópilas, ao Peloponeso, ao resto do Epiro, a Illiria e a Macedônia. Na linguagem dos habitantes, no entanto, a alcunha dada ao seu território era de "Helenia" ou "Hélada", a terra dos Helenos.

Já "Héllada" assinalou à princípio um pequeno distrito na Tessália. A partir dali os helenos espalharam-se gradualmente por toda o restante da Grécia. Por onde se assentavam chamavam genericamente seus distritos de "Hélada", nome que remetia ao seu pressuposto ancestral comum: Heleno, filho de Zeus. (COSTA, 1902, p. 5)

Figura 1 – Regiões da Grécia

Fonte;https://3.bp.blogspot.com

2.1 HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO HELÊNICA

Com o intuito de entender a história e evolução da civilização helênica é necessária a observação do primeiro episódio notável de sua existência: sua chegada à Hélade.

O local de provável origem dos gregos é o vale do Danúbio. Quando suas grandes migrações se iniciaram, em torno de 2000 a.C, era uma mistura de etnias alpina e nórdica. Houve um intercâmbio ainda com os mediterrâneos que já haviam se estabelecido na Grécia, particularmente no sul e nas ilhas do mar Egeu. Consequentemente, o povo grego é resultado de uma mistura heterogênea de etnias de diferentes origens que falava uma língua de matriz indo-européia. (BURNS, 1963, p.150)

Em torno de 1200 a.C os gregos já haviam ocupado grande parte da península. A princípio se estabeleceram nas áreas menos densamente povoadas trazendo consigo seus rebanhos. Parte desses primeiros povos que se assentaram na região pertenciam a um grupo que mais tarde veio a ser conhecido como **jônios**, um dos originais a formar o povo grego como um todo. Outro grupo, formado pelos **aqueus** se dirigiu mais ao sul, conquistando Micenas, Tróia e dominando a ilha de Creta. Após 1200 a.C iniciaram-se as grandes invasões dos **dórios**. Eles estabeleceram-se na Grécia continental e foram além mar, conquistando a parte leste do Peloponeso e as ilhas ao sul do mar Egeu. (BURNS, 1963, p. 150)

Entre os povos que originaram os gregos estavam ainda os **eólios**, que se ocuparam da colonização do litoral do Mar Egeu. Seu lar original foi a Macedônia e de lá se deslocaram para a Tessália e para as ilhas do noroeste do Egeu. (GUIA CONHEÇA A HISTÓRIA, 2016, p. 14)

O ponto de maior importância é que, fosse qual fosse sua tribo original, todos os gregos na chamada época homérica (entre 1200 e 800 a.C) possuíam cultura muito semelhante. As instituições políticas eram muito primitivas. Cada pequena comunidade de aldeias era independente de controle externo, mas a própria autoridade política era não desprovida de poder que o Estado em si como órgão absoluto dificilmente poderia ser considerado existente. O rei não possui grandes funções além de militares e sacerdotais, comandando o exército em caso de guerra e sacrificando aos deuses para mantê-los em paz com a comunidade. Ele não possuía poder para fazer cumprir a lei ou administrar justiça. A consciência política dos gregos nesse tempo era tão pouco desenvolvida que quando Ulisses, rei de Ítaca retratado na Odisséia de Homero sumiu por cerca de 20 anos,

período em que ele esteve tentando retornar a ilha, não foi designado regente nem convocada assembleia. Não parece ter ocorrido a ninguém que uma suspensão do governo por um período tão longo poderia ser prejudicial a todos. O padrão de vida era muito simples e as ocupações básicas estavam ligadas à agricultura e pecuária. A especialização de trabalho estava limitada a poucos ofícios, como a carpintaria e cutelaria. Geralmente a própria família ou clã cuidava de sua subsistência e o comércio era limitado ao sistema de trocas. (BURNS, 1963, p. 151)

A partir de 800 a.C as comunidades de aldeias dos tempos homéricos baseadas principalmente em clãs começaram a dar lugar a unidades políticas de maior estatura. Com as necessidades de defesa aumentando, acrópoles eram construídas em locais elevados e em torno dessas estruturas, onde ficavam os centros de governo, a cidade crescia. Dessa forma surgiu a cidade-estado, a mais famosa unidade de sociedade política criada pelos gregos. Delas, as mais conhecidas e de maior vulto foram Esparta e Atenas. (BURNS, 1963, p. 155)

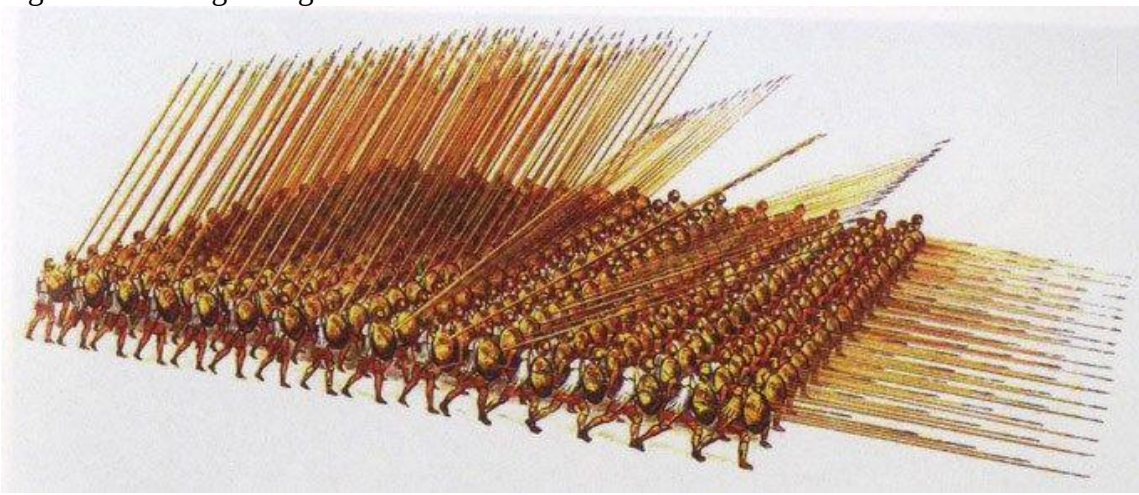
2.2 DIVISÃO POLÍTICA E IDENTIDADE

O mundo grego foi determinado, em muitos aspectos, pelo ambiente em que estava inserido. A Grécia é permeada por montanhas, ilhas e rios inavegáveis. A topografia da região a subdivide em muitas outras: Ática, Argos, Lacedemônia, Arcádia, etc. Todas separadas por cadeias montanhosas. Soma-se a isso as centenas de ilhas, o resultado era um alto grau de isolamento entre as cidades, o que levou ao desenvolvimento de culturas únicas. Apesar de falarem a mesma língua, usarem o mesmo alfabeto e adorarem os mesmos deuses, por causa dessa situação peculiar de distanciamento geográfico, o antigo povo grego nunca chegou a ser um país unificado com um governo centralizado. Pelo contrário, cada região criou suas próprias leis, sistemas políticos e forças militares. Os habitantes da antiga Grécia não se viam como integrantes do mesmo povo, somente cruzava suas mentes uma certa identidade nacional expandida a tal ponto em tempos de crise, como durante as guerras contra os persas. Ao invés disso, cada indivíduo se via como cidadão da cidade-estado em que tinha nascido. Eles eram atenienses, espartanos, tebanos, coríntios, não “gregos”. O conceito de Pan-helenismo existia, os próprios Jogos Olímpicos eram um bom exemplo, onde somente as cidades-estados gregas podiam participar, mas isso era o mais longe que o termo ou a ideia chegava. (WILLEKES, 2017, p. 2)

2.3 EXÉRCITOS GREGOS

A falange foi a unidade básica de infantaria adotada pelos gregos. A falange primitiva era uma formação de infantaria pesada de formato retangular e compacta, possuindo de 8 a 16 fileiras. Era composta, inicialmente, somente por cidadãos gregos chamados hoplitas. A principal diferença entre a falange e outras formações de sua época era o fato de seus integrantes atuarem de forma conjunta e não individual. Durante a batalha, os hoplitas apoiavam-se mutuamente; ao mesmo tempo em que procuravam atingir o adversário com uma lança protegiam o companheiro à esquerda com o escudo. A união era totalmente essencial para que brechas na formação ou até sua quebra fossem evitadas, pois aberturas permitiriam que o inimigo penetrasse na formação. (SAVIAN & LACERDA, 2015, p. 24)

Figura 2 – Falange Grega



Fonte:https://i.pinimg.com

O equipamento empregado pelo hoplita não era dado pelo Estado, o próprio guerreiro deveria arcar com seus custos, manutenção e transporte. O equipamento de proteção consistia de uma couraça de tecido acolchoado ou de metal, para o tronco; um capacete de metal, para cobrir cabeça e pescoço; grevas para proteger do joelho ao tornozelo; e um escudo confeccionado com peles madeira e metal. Uma lança de cerca de 2,8 metros com ponta de ferro era a arma primária do hoplita, espadas eram usadas somente em caso da ausência ou perda da primeira. (SAVIAN & LACERDA, 2015, p. 25)

Figura 3 – Hoplita Grego

Fonte:https://i.pinimg.com

O treinamento de uma tropa dessa natureza consistia de marchas e simulações de ataques, onde eram desenvolvidas as habilidades para se combater em conjunto. Atributos como o espírito de corpo, obediência, coragem e disciplina eram estimulados ao máximo, para que a falange pudesse manter sua coesão e eficiência no campo de batalha. O serviço militar era não remunerado, sendo visto como um privilégio outorgado aos cidadãos. (SAVIAN & LACERDA, 2015, p. 25)

Os exércitos gregos possuíam efetivos relativamente pequenos (inferiores a dez mil homens). Num campo de batalha de terreno plano, para que a maneabilidade da falange não fosse prejudicada, as falanges de posicionavam paralelamente. A princípio

os combates seguiam regras e rituais a serem seguidos para garantir uma luta honrada. Por vezes ainda, os combates eram definidos não pelo choque das tropas propriamente dito, mas por disputas entre campeões escolhidos pelas cidades. (SAVIAN & LACERDA, 2015, p. 25)

Após o início de uma batalha, as falanges avançavam uma em direção a outra. A força bruta era fundamental para romper as linhas inimigas. Os combates eram curtos. Por vezes, em menos de uma hora um dos lados se rendia. (SAVIAN & LACERDA, 2015, p. 25)

De um modo geral, os gregos não davam grande importância à cavalaria. Uma vez que somente na Tessália e a Beócia existiam extensas planícies propícias para a criação de cavalos, os gregos não criaram corpos de cavalaria capazes de atuações relevante nas batalhas, relegando à tropa montada atividades mais secundárias, como reconhecimentos. (SAVIAN & LACERDA, 2015, p. 26)

3. REFERENCIAL METODOLÓGICO

3.1 TIPO DE PESQUISA

Foi feita uma pesquisa bibliográfica para colher as informações relativas à Grécia, às cidades-estados em questão e seus modos de vida particulares. As informações eram obtidas preferencialmente de fontes mais recentes e grande parte delas vieram de livros digitais.

3.2 MÉTODOS

Em um primeiro momento, foram coletados os dados referentes ao povo grego e sua origem. As principais informações são relativas às diversas tribos que ocuparam a Grécia, quais delas deram origem às cidades-estados sendo estudadas e as origens das principais diferenças entre essas cidades-estados no que concerne ao seu modo de vida e forças armadas.

Após a coleta dos dados, as características sociais e bélicas das cidades foram comparadas de forma que os questionamentos previstos nos objetivos do trabalho fossem respondidos.

4. ATENAS

A polis, unidade política também chamada de cidade-estado, ateniense se localizava no centro da Ática, às margens do Mar Egeu. Ao contrário de Esparta, tinha uma vida urbana vibrante e bastante aberta às novidades que sua intensa atividade mercantil, feita principalmente por meio marítimo, lhe traziam.

A educação de seus cidadãos se dava em vários campos, uma vez que os atenienses acreditavam que a cidade-estado seria mais forte se cada indivíduo desenvolvesse integralmente suas aptidões. O ensino não era gratuito nem obrigatório. (GUIA CONHEÇA A HISTÓRIA, 2016, p. 27)

A atividade de ensino era regulada por lei; O tempo gasto em aulas, quantos alunos e suas idades. O Estado enviava até mesmo funcionários para observar o comportamento e postura dos professores, a quem era dado o direito até mesmo de infligir castigos físicos aos alunos. Havia três matérias principais: gramática, educação física e música. (HARRISON, 2014, p. 44)

As mulheres eram impedidas de ter acesso ao sistema de ensino. O que aprendiam lhes era passado por suas mães em casa. Sua vida adolescente seria passada sendo preparada para o casamento, se especializando em atividades domésticas. (HARRISON, 2014, p. 45)

Os meninos começavam a ir para a escola aos 6 anos de idade e só paravam aos 18, quando eram recrutados pelo governo para treinamento militar, que durava somente dois anos. (GUIA CONHEÇA A HISTÓRIA, 2016, p. 27)

4.1 SOCIEDADE ATENIENSE

A população de Atenas podia ser dividida em três classes: escravos, estrangeiros (metecos) e cidadãos. Na base dessa pirâmide estavam os escravos, representando a maior parte da população. Estima-se que à época, a população ateniense era composta de 21 mil cidadãos, 10 mil metecos e 470 mil escravos. Os escravos eram os estrangeiros capturados em guerras ou pirataria, os filhos de escravos, as crianças abandonadas e os devedores. (LEISTER, 2006, p. 17)

A classe dos metecos era composta por pessoas não naturais da cidade, mas que ali se estabeleceram, geralmente para exercer o comércio. Não era possível que se naturalizassem, mesmo que estivesse na cidade há gerações ainda assim não adquiriam

cidadania e os filhos de metecos com cidadãos não eram considerados cidadãos. (LEISTER, 2006, p. 17)

O cidadão (eupátrida) era o membro da polis a quem era outorgado o direito de participar da vida política da cidade-estado. A ele era permitido ir nas assembleias e ser designado a cargo públicos, bem como poderia ser dono de terras no interior da polis. Só era cidadão aquele que era filhos de ambos os pais cidadãos. (LEISTER, 2006, p. 17)

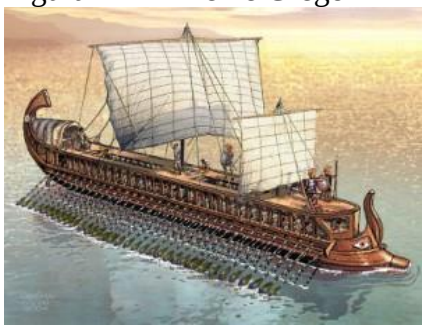
4.2 AS TROPAS ATENIENSES

Enquanto o grande foco da pólis espartana era o combate em terra, Atenas era reconhecida principalmente por suas forças navais, que exerciam dominância sobre toda e qualquer outra tropa do tipo na Grécia. Foi a grandeza de sua marinha que permitiu a Atenas estabelecer um vasto império e ricas rotas comerciais que tornaram a cidade cada vez mais próspera. O que não quer dizer que seus exércitos, compostos primariamente por hoplitas, eram incapazes e despreparados. Nas batalhas de Maratona e Platéia, por exemplo, Atenas empregou tropas tão numerosas e bem equipadas quanto Esparta, no entanto era impossível que essas frações tivessem o mesmo nível de preparo e experiência que os espartanos, pela própria vida peculiarmente militarizada a que os espartanos estavam submetidos. Como a grande maioria dos exércitos gregos, salvo o espartano, os soldados atenienses eram cidadãos comuns, que possuíam trabalhos comuns. Eram oleiros, ferreiros, dentre outros. Eram empregados em atividades militares somente duas vezes ao ano, em situações normais. (ATHENS & SPARTA, 2012, p. 11)

A frota ateniense, no entanto, era completamente diferente. Seus integrantes eram profissionais dedicados somente àquela atividade.

As embarcações utilizadas pelos atenienses eram os triremes. Eram galeras com aproximadamente 30 metros de comprimento por 7 de largura.

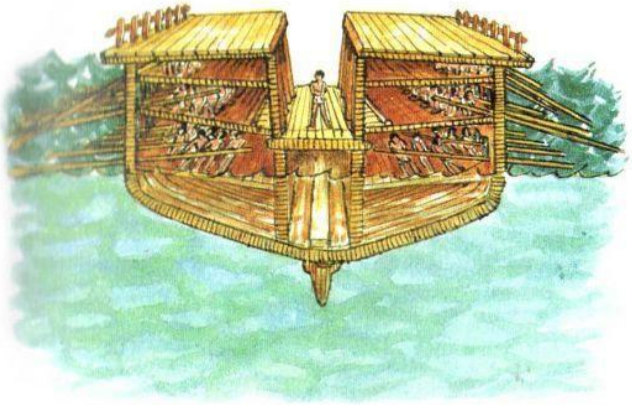
Figura 4 – Trirreme Grego



Fonte:https://someinterestingfacts.net

Sua propulsão vinha de seus remadores, que eram divididos em três níveis, daí o nome “trireme”. O total de remadores totalizava 180, o que era capaz de impulsionar a embarcação a velocidades entre 11 e 15 km/h durante viagens e o dobro durante os combates quando os triremes eram empregados de seu modo usual.

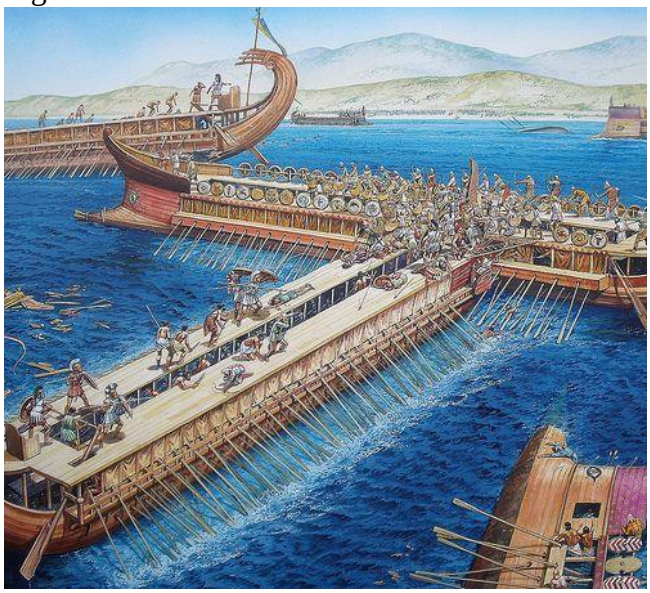
Figura 4 – Níveis dos Remadores



Fonte:https://br.pinterest.com

Essas embarcações tinham “pontas” feitas de metal na proa, utilizadas para danificar e afundar outras naus de combate durante um choque à grande velocidade. Numa batalha marítima, portanto, a habilidade na hora do manejo da embarcação era infinitamente mais importante do que a capacidade de combate corpo a corpo de seus remadores, uma vez que um choque bem realizado poderia eliminar uma nau inimiga inteira com todos os seus integrantes, ao invés de apenas um soldado.

Figura 5 – Manobra de Trirreme



Fonte: https://br.pinterest.com

Os triremes também levavam arqueiros, em torno de 20. Eles poderiam atingir o inimigo com flechas comuns ou mirar a embarcação com flechas em chamas, o que era um grande risco a embarcações feitas inteiramente de madeira. (ATHENS & SPARTA, 2012, p. 11)

5 ESPARTA

De acordo com evidências arqueológicas encontradas na área correspondente à antiga Esparta e nos arredores do vale do Rio Eurotas, a região já era ocupada desde o período Neolítico. Aquela posição geográfica plana, fértil, espaçosa, abundante em água e cercada por elevações facilmente defensáveis viria a se provar útil para a posterior ascensão da cidade lacedemônia. (MATYSZAK, 2017, p. 9)

Os habitantes originais, no entanto, parecem ter sido suplantados pelos invasores dórios, uma tribo da região da Macedônia que começou a ocupar a região sul da Península Balcânica e do Peloponeso e a forçar os então ocupantes a se retirar. Outra teoria afirma que os Dórios já estavam presentes na região em grandes números há muito tempo, mas eram integrantes de uma parcela servil e de menor importância social. As "Invasões Dórias" teriam sido, na verdade, uma revolta que teve por objetivo livrar os dórios de seus opressores. (MATYSZAK, 2017, p. 12)

A cidade espartana surgiu da união de quatro vilarejos e sua transformação em uma entidade com liderança e administração únicas. Esse fenômeno pode ser o que deu origem à diarquia[1], forma de governo estabelecida em Esparta. (SAMUELSON, 2014, p.3)

A união dos vilarejos não foi um processo calmo ou simples. Houve conturbações onde um clã tentou sobrepor o outro em influência e poder.

A responsabilidade por acabar com esse clima anárquico é atribuída a Licurgo. Uma figura histórica de cuja existência ainda não se tem certeza, Licurgo teria sido o responsável por dar a Esparta a forma rígida e lacônica pela qual ela é famosa até hoje, transformando tudo, inclusive os próprios cidadãos, em propriedade do Estado. (MATYSZAK, 2017, p. 27)

Outra visão sobre o endurecimento do modo de vida espartano atribui esse acontecimento não a um homem em particular, mas às campanhas empreendidas pelos lacedemônios em subjugar os povos vizinhos e obter para si suas terras férteis.

No século VIII a.C. os espartanos lutaram uma longa e sangrenta guerra contra a Messênia, após tê-los vencido, tiveram que lutar uma guerra ainda pior no século seguinte para suprimir as revoltas do messênios que tinham sido reduzidos à condição de servos. Eles foram novamente subjugados, mas os espartanos se deram conta da infindável tarefa que tinham em mãos: mantê-los assim. (TOYNBEE, 1960, p. 41)

---

[1] 1 – Modelo de governo monárquico em que dois reis governavam ao invés de apenas um.

Para manter os conquistados em condição de servos agrícolas os próprios espartanos tiveram de se submeter a um regime nada aprazível de servidão militar. As artes e todo e qualquer outro tipo de trabalho que não o ofício guerreiro fenecem em Esparta para dar espaço à vida voltada completamente ao militarismo. (TOYNBEE, 1960, p. 41)

5.1 SOCIEDADE ESPARTANA

A sociedade espartana se dividia em três grupos principais: Hilotas, Periecos e Esparciatas. (SAMUELSON, 2014, P. 5)

- Hilotas: Pertencentes à base da pirâmide social, os hilotas eram os descendentes de populações que haviam sido previamente escravizadas. A eles cabiam os trabalhos de cultivar os campos. Eram anualmente caçados na chamada "Criptéia", quando crianças espartanas ainda na agogê, com em torno de 12 anos de idade, provavam sua coragem e sangue frio ao matar à facadas um hilota. Era um rito de passagem, mas também um lembrete anual dos esparciatas do seu devido lugar na sociedade lacedemônia.

- Periecos: Acima dos hilotas na pirâmide social, eram mercadores e artesãos. Não é claro se os periecos eram uma classe social subordinada separadamente ou, como os hilotas, descendentes de populações que foram previamente escravizadas. Apesar de poderem desfrutar um pouco mais de liberdade, eles não possuíam direitos políticos e não podiam participar das assembleias populares. Em caso de guerra, os periecos eram recrutados e formavam a infantaria leve, que era mandada para as escaramuças dos inícios de batalhas e cobriam o avanço dos hoplitas dos contingentes de efetivo profissional do exército.

- Esparciatas: No topo da pirâmide social espartana, encontravam-se os esparciatas. A elite espartana. Entre si, chamavam-se de "homoioi", o que significava "igual", porque não haviam distinções sociais ou econômicas de nenhuma forma entre eles. Viviam em casas idênticas em tamanho e aparência e todos seguiam a mesma rotina de treinamento. A cada um deles era cedido, previsto em lei, um lote de terra para ser cultivado por hilotas. Essa propriedade não era do indivíduo, mas do Estado, não podendo ser vendida.

5.2 AGOGÊ

A formação do soldado espartano começava logo após ser dada à luz. A seleção física em Esparta era extremamente severa. Após o nascimento, se apresentasse alguma deformidade, a criança espartana era abandonada no monte Taygetus para ser devorada pelos lobos. (SAMUELSON, 2014, p. 6)

Até os sete anos de idade o menino era criado pelas famílias em casa, após isso era dado ao Estado para que concluísse sua formação e cuidasse dele pelo resto de sua vida. As crianças eram divididas em grupos, guiadas por uma criança mais velha que fazia o papel de instrutor e mentor. Suas cabeças eram raspadas e todas elas se vestiam igualmente. Elas tinham uma única capa que era usada tanto no frio quanto no calor. Dormiam ao relento em locais onde a temperatura chegava aos graus negativos pela madrugada. Eram proibidos de usar sapatos ou meias e sua dieta era composta somente pelo suficiente para que sobrevivessem. Paradoxalmente, uma criança pertencente a outra camada da sociedade espartana quase certamente teria uma dieta mais saudável e variada do que aquelas submetidas a agogê. (SAMUELSON, 2014, p. 6)

Toda essa privação e dor não deve ser uma surpresa. O objetivo da sociedade espartana era criar o soldado perfeito, a mais autêntica máquina de guerra. Forte e imperturbável em mente, corpo e espírito. Essa rotina extenuante permitia que o soldado espartano combatesse sob qualquer clima e condições geográficas ou de stress e fadiga. (SAMUELSON, 2014, p. 6)

Aos doze anos de idade os pequenos esparciatas começavam um treinamento militar ainda mais intenso. Os destaques participavam da chamada “Criptéia”, onde caçavam, roubavam e matavam um hilota para demonstrar sua coragem e talento. (SAMUELSON, 2014, p. 7)

Aos vinte anos de idade os esparciatas estavam prontos para fazer parte do exército e serem considerados cidadãos completos. Mas somente após passa por mais um teste. (SAMUELSON, 2014, p. 8)

Uma grande quantidade de comia era colocada no altar do templo de Ártemis e era guardada por soldados armados com chicotes. Os aspirantes a soldados tinham que demostrar coragem, força e destemor sendo capazes de alcançar o altar e pegar a comida enquanto chicoteados. Muitos eram seriamente feridos, outros simplesmente morriam. Os que obtinham sucesso finalmente se tornavam adultos e tinham os mesmos direitos que o

restante dos esparciatas: poderiam sentar durante as refeições e ter relações sociais como iguais, por exemplo. (SAMUELSON, 2014, p. 8)

5.3 AS TROPAS ESPARTANAS

Além do já pontuado sobre a formação básica dos exércitos gregos: os hoplitas inseridos em suas falanges, o exército espartano tinha certas peculiaridades.

Uma descrição completa e precisa de como os espartanos organizavam suas tropas para a batalha não existe. O primeiro a tentar descobrir e escrever sobre isso foi Tucídides, que não obteve sucesso, uma vez que os próprios espartanos não se mostravam dispostos a compartilhar informações tão sensíveis e Esparta e Atenas estavam em guerra na época, sendo Tucídides um general ateniense. (MATYSZAK, 2017, p. 143)

Descrições mais precisas só são possíveis com Xenofonte, que escreveu sobre os espartanos no final do século VI a.C. O exército espartano nesse período era comandado por um rei. O rei possuía uma guarda pessoal de 300 guerreiros, chamados “hippeis”. A atribuição a essa guarda real não era somente defender a pessoa do rei. Pertencer a essa unidade era uma alta honraria pela qual todos os espartanos competiam. No campo de batalha os “hippeis” tinham direito ao lugar de honra, que era também o mais perigoso. Não era nenhuma surpresa que o efetivo dessa guarda de elite tivesse que ser recompletada anualmente. Para se qualificar e ser considerado um candidato a essa guarda o guerreiro tinha de ser casado e ter ao menos um filho, para que a linhagem de sua família pudesse continuar em caso de morte. (MATYSZAK, 2017, p. 152)

Menos ainda do que se sabe sobre as formações de combate dos espartanos se sabe sobre a dos periecos, que eram obrigados a acompanhar os esparciatas nos combates. É muito provável que eles usassem táticas semelhantes a dos esparciatas e eles certamente entravam em posição a sua esquerda quando a falange era formada. (MATYSZAK, 2017, p. 153)

Os hilotas, grupo subjugado e reduzido a servo dos esparciatas também eram levados para o combate. Levá-los consigo para a guerra era uma solução para evitar rebeliões quando o exército espartano estivesse muito longe de casa. Os hilotas eram levados normalmente para exercer funções não guerreiras, como cozinheiros, ferreiros e servos pessoais. Um número muito limitado deles era empregado armado para que não tentassem se rebelar contra os esparciatas ou se voltar contra eles no meio de uma batalha. Existe ainda a possibilidade de esses hilotas nem ao menos serem homens em sua maioria.

Levar mulheres e crianças faria sentido porque a maior parte das atividades feita no apoio a esses exércitos não requeria necessariamente homens adultos. Além disso, eles eram reféns úteis, caso os hilotas que permanecessem em Esparta pensassem em aproveitar a oportunidade para se rebelar enquanto o exérctio estivesse fora. (MATYSZAK, 2017, p. 154)

6 CONCLUSÃO

O estudo do povo grego, suas tradições e ensinamentos tem provido tantas lições para a sociedade em geral quanto o estudo específico de suas tropas, táticas e visão da guerra tem provido aos militares. A busca incessante dos espartanos pela perfeição marcial em seus soldados, evidenciando a importância imensa que um treinamento longo, extenuante e frequentemente doloroso tem para a boa formação e preparo de uma tropa e a perspicácia dos atenienses ao perceberem que os atributos de um marinheiro, um combatente do mar, nem sempre são os mesmos de um guerreiro a pé são conhecimento conquistado a duras penas. Tais noções, apesar de antiquíssimas, encontram eco até os dias de hoje, um tempo de academias militares e navais nas quais os mesmos atributos incorporados por hoplitas e marujos de outrora são inseridos no seio de jovens com os mesmos ideais.

A intenção deste trabalho era analisar as diferenças entre as antigas cidades-estados de Esparta e Atenas no quesito bélico. Entender se haviam distinções no nível de preparo e na maneira como seus militares eram formados, se haviam distinções na posição de suas forças na sociedade local e no porquê a diferença tão grande nos focos de cada uma: uma no combate terrestre e a outra no combate naval.

As diferenças entre as polis se mostraram imensas. O exército espartano superava o ateniense em preparo e experiência, uma vez que o homem de Esparta era educado para viver e morrer pela glória e honra de sua cidade natal. Dos 7 aos 60 anos ele se mantinha em treinamento constante para a guerra e nada lhes era permitido conhecer além disso. A marinha ateniense superava a espartana em número de embarcações, nível de treinamento e experiência. Por ser uma cidade portuária, sua marinha era de vital importância não somente para a manutenção de sua integridade e soberania, mas para o comércio, que tornava a cidade tão próspera. Seus trirremes eram a espinha dorsal de Atenas. Seus homens não passavam por privações auto impostas como os espartanos. Não tinham uma agogê desde crianças nem eram privados de realizarem outras atividades quaisquer se este fosse o seu desejo. O marinheiro de Atenas era um profissional da guerra tão capaz, bem treinado e mortal quanto um hoplita espartano, mas não era formado como um. Ele era um cidadão de uma polis diferente, onde não somente a guerra ditava o ritmo.

O hoplita espartano era o alicerce central na qual sua polis se firmava. Esparta era tão voltada para o combate que seu próprio cidadão era definido por ele e somente por ele. A cidadania na Lacedemônia era baseada em deveres bélicos para com o Estado. Um

homem, ou uma mulher, tinha uma responsabilidade para com sua nação e passava toda sua vida a cumprindo. Não havia outro caminho honroso a se seguir. O marinheiro ateniense como representante de sua Marinha podia ser a espinha dorsal de sua cidade, mas somente para dar sustentação e segurança a ela. Atenas era definida por infinitas coisas mais. Seus filósofos, oradores e políticos a construíram como é lembrada. O berço da democracia que veio a se espalhar pelo ocidente e, posteriormente, para o mundo. Um cidadão ateniense tinha uma gama infinitamente maior de destinos a seguir que um espartano. Sua cidadania não se centrava somente em deveres para com o Estado, mas também em direitos políticos que esse mesmo Estado o provia. O foco de ambas as cidades em determinados espectros do combate, uma no terrestre e outra no marítimo se deu principalmente pela própria localização geográfica das mesmas e também pela necessidade constante de Esparta de uma força militar terrestre capaz para lidar com possíveis revoltas de seus servos e escravos dentro de sua própria cidade, uma vez que os hilotas e periecos eram muito mais numerosos que os esparciatas. Atenas ficava às margens do mar Egeu, não apenas sua segurança, mas seu sucesso como rica cidade mercantil dependia de uma marinha mercante e de guerra fortes. Já Esparta ocupava uma posição central numa planície cercada por elevações. Sua defesa dependia não de grandes frotas, mas de tropas terrestres bem formadas para a batalha, e tal era a fama de seus soldados que muitas vezes a simples ideia de enfrentar uma falange espartana era o suficiente para desencorajar o inimigo.

Soldados física e psicologicamente bem formados, frotas numerosas e bem treinadas. A Grécia tem muito a ensinar ao soldado de hoje, todo tipo de lições permeia a sua história, na qual os combates sangrentos ocupam papel muitas vezes central. O estudo de sua história e de seus povos é não somente recomendável ao chefe militar do terceiro milênio que busca o sucesso em suas ações, é primordial.

7 REFERÊNCIAS

ATHENS & Sparta: Ancient Greece's Famous City-States, S.l.; Charles Rivers, 2012.

BURNS, E. M. **História da Civilização Ocidental; 2.ed.** Porto Alegre: Globo, 1963.

COSTA, J. F. **História da Grécia.** Lisboa: Deção Editorial da Companhia Nacional Editora, 1902.

GIORDANI, M. C. **História da Grécia**: Antiguidade Clássica I; 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

Guia Conheça a História: Grécia; 2 ed. São Paulo: OnLine Editora, 2016.

HARRISON, S. **Athens in the Classical Period.** [S.l.; s.n], 2014.

LEISTER, M. A Polis Ateniense. **Revista Mestrado em Direito**, Osasco, Ano 6, n. 1 p. 15-27, 2006.

MATYSZAK, P. **Sparta**: Rise of a Warrior Nation. South Yorkshire: Pen & Sword Books Ltd, 2017.

SAMUELSON, R. J. **Sparta: The Warrior City-State.** La Case, 2014.

SAVIAN, J.E.; LACERDA, P.H.B.; **Introdução ao Estudo de História Militar Geral**, Resende, AMAN, 2015.

TOYNBEE, A.J. **Helenismo: História de Uma Civilização.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1960.

WILLEKES, C. **Greek Warriors**: Hoplites and Heroes**.** Havertown: Casemate Publishers, 2017.

REGIÕES da Grécia, s.n.t; n.p. Disponível em: https://3.bp.blogspot.com/m2e8_wiP1fs/Wi8fus9ljyI/AAAAAAAAGJ0/h7go65S9eRQcH66ONYhxhuGLQbYJE7qcACLcBGAs/s640/mapagrecia0qk.jpg). Acesso em: 01 nov. 2018.

FALANGE grega, s.n.t; n.p. Disponível em: https://i.pinimg.com/originals/4c/70/8e/4c708e3df8979803289b464210d1589b.jpg. Acesso em 01 jun. 2019.

HOPLITA grego, s.n.t; n.p. Disponível em: https://i.pinimg.com/originals/2f/88/76/2f88763141f47766f1e3ee44896b9b1b.jpg. Acesso em 01 jun. 2019.

TRIRREME grego, s.n.t; n.p. Disponível em: https://someinterestingfacts.net/greek-triremes-the-ultimate-fighting-machines/. Acesso em 01 jun. 2019

NÍVEIS dos remadores, s.n.t; n.p. Disponível em: https://br.pinterest.com/pin/677932550132525008/. Acesso em 01 jun. 2019

MANOBRA de trirreme, s.n.t; n.p. Disponível em: https://br.pinterest.com/pin/427490189610197522/. Acesso em 01 jun. 2019